

Os desafios para acabar com a violência no ambiente escolar.

No meio do caminho tinha uma escola

Por Gislaine Buosi

Quando o assunto é violência no ambiente escolar, vem à tona uma cena de Cinema Paradiso, do italiano Tornatore – exatamente a cena do idiota, em plena praça pública, gritando: *A praça é minha!*, e, então, nenhum pedestre nem sequer pisa o jardim da praça, porque, obviamente, a praça pertence ao idiota. Assim, dois aspectos podem ser considerados para discorrer sobre a problemática: a falta de pertencimento dos alunos, e a distância entre família e escola. E não há que se negar: quando o assunto envolve “comportamento”, a Educação deve ser priorizada.

Nesse sentido, a violência, que leva, inclusive, ao vandalismo nas escolas, não existiria se cada aluno sentisse que aquele ambiente lhe pertence. É inegável: falta ao aluno a noção de pertencimento. A porta do banheiro da casa, dificilmente, é alvo de vandalismo, mas não a porta do banheiro da escola. O mesmo acontece com a comunidade escolar – professores, colaboradores e alunos são alvos de agressão física e moral, como se fossem bodes expiatórios da insatisfação e da irreverência de grande parte do alunado. Sem dúvida, vandalismo e violência estão separados por um fio: o vandalismo é a agressão a coisas; a violência, a pessoas. Logo, resta dizer que o aluno violento é também vândalo – agride coisas e pessoas. Exemplo disso foram as 178 agressões contra professores, contabilizadas no Estado de São Paulo, durante o primeiro semestre de 2017.

Outrossim, a escola é um espaço público e deve ser franqueada aos pais, não apenas para reuniões corriqueiras, mas também para recreação – grande parte das famílias vive precariamente, e o prédio da escola, de longe, é bem melhor construído que as respectivas submoradias. Quando o ambiente escolar, de fato, pertencer a pais e alunos, haverá maior apreço de ambos pela escola.

Por tudo isso, antes que o problema em torno da violência escolar se agrave, é preciso intervir. Logo, cabe ao MEC capacitar melhor os educadores para lidarem não só com o alunado, mas também com as respectivas famílias, por meio de orientações balizadas por protocolos psicopedagógicos – tudo com a finalidade de desenvolver programações educativas e recreativas, as quais envolvam pais e alunos. Nessas ocasiões, ludicamente, deverão ser estabelecidas regras claras para a boa convivência, sem as quais não haverá a formação de cidadãos conscientes, responsáveis diretos pela condução sócio-político-educacional do Brasil que hoje se escreve.

Confira o planejamento da dissertação:

Apresentação do assunto, com recorte de um clássico do cinema;

Primeiro argumento;

Segundo argumento;

Desenvolvimento do primeiro argumento, com informações do gráfico de apoio;

Desenvolvimento do segundo argumento;

Proposta de intervenção.